

SOCIABILIDADE, PERCEPÇÕES E VALORES: UMA COMPARAÇÃO ENTRE JOVENS UNIVERSITÁRIOS BRASILEIROS E CHINESES

Marília Pontes Sposito¹

Marilena Nakano²

Chen Chen³

As várias facetas que constituem as formas da sociabilidade (Simmel, 2006), percepções e valores apontados pelos jovens universitários que participaram da pesquisa, indicam semelhanças e singularidades. De um lado, existem transversalidades que exprimem os intensos processos de mudança social observados tanto no Brasil quanto na China na direção da globalização; de outro, as singularidades históricas e culturais estão presentes, indicando a complexidade e os desafios das análises que pretendem dar corpo a uma perspectiva comparativa transnacional.

1 FAMÍLIA E AMIZADES: TRANSVERSALIDADES NA CONDIÇÃO JUVENIL UNIVERSITÁRIA

Mesmo reconhecendo a importância da família para os universitários dos dois países, embora com menor frequência nas respostas por parte dos universitários chineses, o sentido dessa valorização familiar pode ser diverso (gráfico 1).

Para os jovens brasileiros, a família funciona como um importante suporte para seus processos de individuação – ou seja, maior autonomia e independência – e de transição para a vida adulta diante da ausência de políticas públicas específicas para esse grupo (moradia, inserção no mundo do trabalho, entre outras). O peso da tradição e da hierarquia familiar sobre suas vidas é menos sentido do que para os jovens chineses, uma vez que no caso brasileiro o laço social tem se caracterizado por formas mais horizontais nas relações entre pais e filhos. No entanto,

1. Doutora em educação pela Universidade de São Paulo (USP). Professora titular de sociologia da educação na Faculdade de Educação desta universidade, sendo vice-diretora desta faculdade, e bolsista de Produtividade em Pesquisa no Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

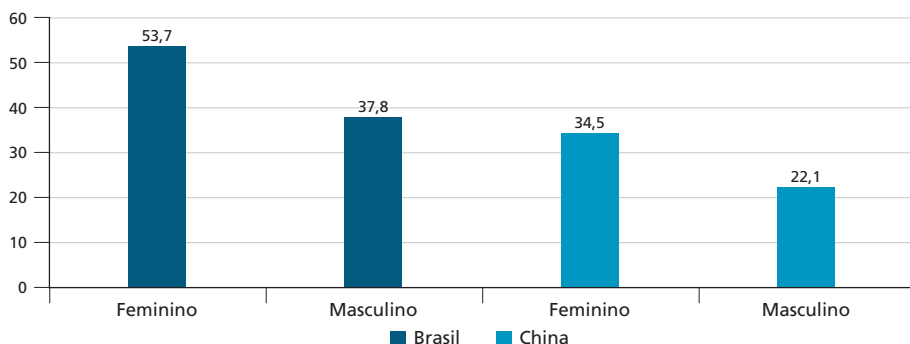
2. Doutora em educação pela Universidade de São Paulo (USP). Professora titular no Centro Universitário Fundação Santo André (UFSA) e presidente do Centro de Estudos Políticos e Sociais do ABC, em São Paulo.

3. Doutora em sociologia pela Universidade do Povo Chinês. Pesquisadora-associada no Centro de Pesquisa de Juventude e Infância da China (CYCRC).

os suportes obtidos na família enquanto jovens não têm os mesmos significados para os estudantes brasileiros, se forem consideradas as diferenças por sexo.

GRÁFICO 1

Valorização da família para jovens universitários brasileiros e chineses
(Em %)



Fonte: Ipea, SBS, CYCRC e Cycra.

1. Para maiores informações sobre esses dados, ver tabela 11 deste capítulo

As mulheres jovens no Brasil situam a família como muito mais importante do que seus pares, os universitários. Essas diferenças talvez tenham sentido, também, no fato de as mulheres jovens ainda considerarem que o cuidado com seus pais e o seu bem-estar estejam no horizonte de seus valores, com maior intensidade do que os rapazes, exprimindo, ainda, diferenças de gênero nas relações familiares.

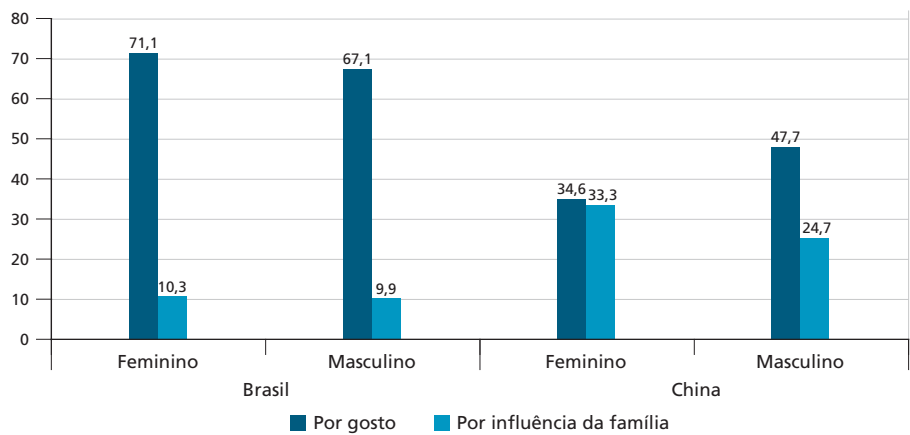
Para os estudantes chineses, de acordo com a tradição, os filhos homens serão responsáveis pelo bem-estar de seus pais na velhice; são eles os suportes que assegurarão o envelhecimento digno de seus pais. A família exerce um papel importante na vida dos jovens, os papéis estão bem definidos e a influência dos mais velhos nas escolhas realizadas pelos jovens aparece em vários momentos da pesquisa. Como se trata de gerações afetadas pela mudança social, o acesso à universidade é um bem valorizado e, por essas razões, a família interfere nas decisões sobre a escolha de curso superior, sobretudo das mulheres. Os sentidos diversos para a importância da família nos dois países se revela, por exemplo, no momento da escolha do curso.

Quando responderam sobre as razões da escolha do curso, consideradas as variáveis “porque gosta” e “influência da família” (gráfico 2 e tabela 1), vê-se que esta última é muito maior entre os chineses do que entre os brasileiros. No caso chinês, as mulheres apontam ainda mais essa influência do que os homens.⁴ Os jovens chineses também apontam as escolhas pessoais como importantes, mas elas aparecem com mais evidência nas opções dos brasileiros. Para estes, mesmo que tenham o

4. Ver o capítulo 6 deste livro.

suporte das famílias, os jovens, de ambos os sexos, consideram ter espaço significativo para suas próprias escolhas.

GRÁFICO 2
Razões da escolha do curso: estudantes chineses e brasileiros
(Em %)



Fonte: Ipea, SBS, CYCRC e Cybra.

TABELA 1
Razões da escolha do curso: estudantes chineses e brasileiros
(Em %)

Razões	Brasil		China	
	Feminino	Masculino	Feminino	Masculino
Por gosto	71,1	67,1	34,6	47,7
Para ter mais oportunidades profissionais	40,0	47,9	30,4	27,9
Porque é uma profissão de importância para a sociedade	29,4	22,6	16,9	18,5
Por influência da família	10,3	9,9	33,3	24,7
Porque proporciona segurança de emprego	7,7	10,0	17,5	10,6
Pelas vantagens econômicas em médio prazo	7,4	15,2	3,4	5,3
Porque confere prestígio	6,6	8,3	6,1	6,9
Porque já tinha trabalhado em áreas afins	6,6	7,3	0,7	1,4
É o curso que permite que eu trabalhe	5,2	4,2	1,2	1,6
Facilidade no vestibular	2,7	2,6	14,3	10,2
É o curso que eu posso pagar	2,6	2,2	2,6	1,9
Porque parte dos meus amigos também o escolheu	0,9	1,4	3,8	2,5

Fonte: Ipea, SBS, CYCRC e Cybra.

Obs.: Cada respondente pode indicar até três itens, por isso os percentuais não somam 100%

2 OS AMIGOS, O TEMPO LIVRE E O LAZER

Os jovens brasileiros e chineses também apresentam semelhanças no caso da amizade. O número de amigos citado é alto em ambos os países, sendo a instituição escolar, em todos os seus níveis, o espaço mais importante para o estabelecimento dessas relações (tabela 2). Chama atenção o fato de que, no Brasil, as relações de vizinhança são citadas como fontes de amigos mais para os homens do que para as mulheres. O oposto ocorre entre os universitários chineses, pois as mulheres apontam com mais frequência essa alternativa do que os homens.

TABELA 2

Forma como conheceu os amigos atuais: estudantes chineses e brasileiros, por sexo (Em %)

Formas como conheceu os amigos atuais	Brasil		China	
	Feminino	Masculino	Feminino	Masculino
Por meio de meus familiares	12,5	13,3	7,6	9,8
Por meio de outros amigos	47,7	51,9	32,0	34,4
Na vizinhança	9,3	17,0	6,9	4,2
No ensino fundamental	28,1	22,8	28,5	20,7
No ensino médio	52,8	51,1	76,4	70,1
Na universidade	69,3	68,0	78,0	72,4
Na igreja	17,9	12,0	0,8	1,0
Em organizações das quais participo (por exemplo, clube esportivo, entidade política e ONG)	5,6	7,4	15,8	21,6
Por meio da internet	5,5	8,0	6,3	7,3
Em festas ou boates	5,3	6,5	1,4	2,4
Em bares e cafés	0,9	2,8	0,9	1,5
No trabalho	7,7	6,4	4,7	5,7
Outras situações	3,2	2,2	3,9	4,8

Fonte: Ipea, SBS, CYCRC e Cycra.

Obs.: Cada respondente pode indicar até três itens, por isso os percentuais não somam 100%

Cerca de um quarto dos jovens brasileiros, homens e mulheres, tendem a ter de cinco a nove amigos. Há, no entanto, diferenças significativas entre os sexos em ambos os países. No Brasil, quase a metade dos homens (44,0%) afirmam ter vinte ou mais, enquanto isso acontece para cerca de um terço das mulheres (30,8%). Já entre os chineses, mais da metade dos homens (58,3%) e quase metade das mulheres (48,4%) afirmam ter vinte ou mais amigos (tabela 3).

Não obstante a frequência alta de amigos, os sentidos atribuídos sofrem modulações, como no caso brasileiro, com a distinção entre colega e amigo. Eventualmente, nesse grande número apresentado, estejam incluídos, nos dois países, os colegas.

TABELA 3
Quantidade de amigos: estudantes brasileiros e chineses, por sexo
(Em %)

Quantidade de amigos	Brasil		China	
	Feminino	Masculino	Feminino	Masculino
0	0,5	0,2	1,5	3,3
1	0,5	0,9	2,3	2,5
2 a 4	12,9	9,1	7,9	5,4
5 a 9	26,3	23,5	18,3	10,1
10 a 14	21,5	15,5	14,8	10,9
15 a 19	7,4	6,8	6,8	9,5
20 ou mais	30,8	44,0	48,4	58,3
Total	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: Ipea, SBS, CYCRC e Cycra.

Para a cultura chinesa, o conceito de “amigo” é amplo. Caso se considere a proximidade como fator principal, pode-se dividir em três categorias, quais sejam: “amigos genéricos”; “amigos comuns”; e “amigos íntimos/próximos”. No círculo mais amplo estariam apenas aqueles que se poderia designar como “conhecidos”, a exemplo de amigos da internet, membros dos mesmos grupos de interesse etc. O “amigo comum” é aquele com quem o jovem troca informações pessoais básicas, de maneira solidária. São colegas de escola ou de classe, que estudam na mesma instituição, ou colegas de trabalho, sem contato muito profundo, mas que garantem auxílio mútuo, quando necessário. “Amigos próximos/íntimos” são, em princípio, aqueles pelos quais existe um sentimento mais profundo, que se conhecem muito bem, que se entra em contato mesmo sem motivo específico. Estes últimos são os que estão presentes e sempre disponíveis nos momentos de necessidade. Eles ultrapassam fronteiras regionais, constituindo uma pequena rede de contatos.

É inegável que em ambos os países o crescimento da internet expandiu as maneiras de se entrar em contato com outros, tanto para homens quanto para mulheres, embora no caso brasileiro exista uma diferença mais significativa entre os sexos. Mas, independentemente dos números, ainda aparecem como fortes as relações face a face para a conquista de amizades, uma vez que poucos citaram a internet como fonte para conhecer amigos (pouco mais de 6% nos dois países). A maioria dos entrevistados conheceu os amigos atuais na universidade e no ensino médio. Cerca de um quarto dos jovens, também no ensino fundamental.

No caso brasileiro, ressalta-se a permanência das amizades derivadas da convivência na educação básica. O pouco tempo dedicado à vida universitária, diante da inserção no mundo do trabalho, para grande parte dos jovens universitários brasileiros (tabela 4), não impede, no entanto, que o curso superior

seja fonte de conhecimento de novos amigos, embora ele não seja derivado do associativismo universitário. Apesar do trabalho concomitante ao estudo, os universitários brasileiros não situam o mundo do trabalho como celeiro de novas amizades. Aproximadamente 7%, no caso brasileiro, e cerca de 5% entre os chineses afirmam ter conhecido os amigos atuais no trabalho, conforme dados anteriormente apresentados (tabela 2).

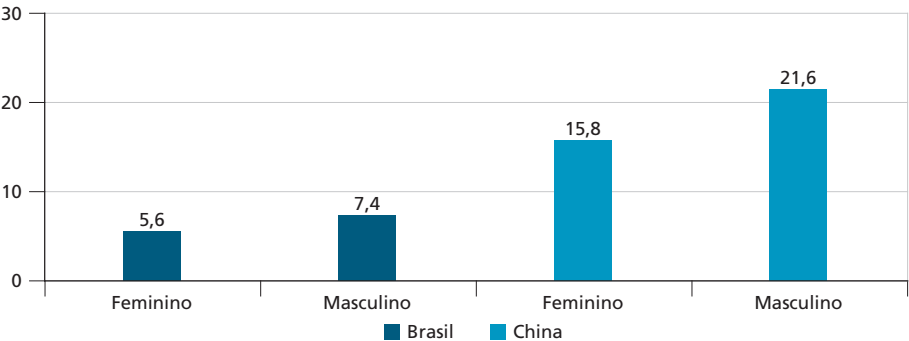
TABELA 4
Brasil e China: ocupação do estudante universitário, por sexo
(Em %)

Ocupações do estudante	Brasil		China	
	Feminino	Masculino	Feminino	Masculino
Exerceu algum trabalho remunerado	50,9	54,6	27,8	18,5
Não trabalhou e não buscou trabalho remunerado	27,8	27,2	50,0	54,4
Não trabalhou, mas buscou trabalho remunerado	14,8	12,2	13,5	11,3
Exerceu algum tipo de trabalho não remunerado	6,5	6,0	8,8	15,8
Total	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: Ipea, SBS, CYCRC e Cybra.

Os jovens chineses apontam para a importância, entre outros elementos, da participação em organizações como meio de conhecer novos amigos, diferentemente dos brasileiros, uma vez que essa alternativa foi muito pouco citada. Para rapazes chineses (21,6%), as organizações das quais participam têm mais importância para fazer amigos do que para as moças (15,8%) deste mesmo país (gráfico 3).

GRÁFICO 3
Importância das organizações nas quais participam jovens chineses e brasileiros (clube esportivo, entidade política, ONG) como locais para fazer amigos, por sexo
(Em %)



Fonte: Ipea, SBS, CYCRC e Cybra.

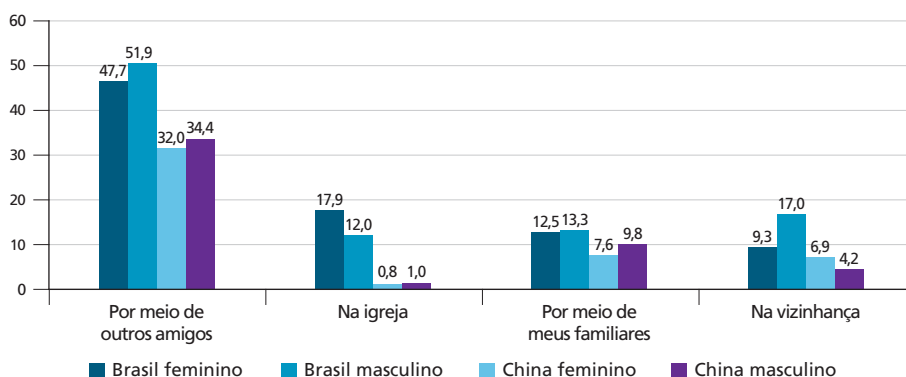
No ambiente do *campus* universitário chinês, local de moradia para grande parte dos estudantes, existe todo tipo de grupo, como união de estudantes, bandas de música, grupos de dança, grupos de mesmo interesse (*hobbies*), uniões de pessoas da mesma origem, encontros de alunos da mesma especialização, do mesmo ano de curso, entre outros. São os meios utilizados pelos alunos para também obter informações e ter contato social.

Na China, a influência de familiares e vizinhos, mais acentuada durante os anos iniciais da juventude, gradualmente diminui com o aumento da independência durante o período de vida universitária. Estudantes do sexo masculino interagem mais com outras pessoas do que as do sexo feminino, e também gostam mais de participar de grupos esportivos. Fazer amigos e expandir o círculo social por meio destes esportes coletivos é consideravelmente comum.

Na vida universitária chinesa, a expansão de novos veículos de mídia permite aos grupos estudantis aumentar a atividade pela internet. Eles criam contas no Weibo (*Twitter* chinês), Wechat (*WhatsApp* chinês), e convidam membros já existentes e também novos membros para o grupo. Com isso, torna-se mais frequente a interação entre membros, aumentando a proximidade/intimidade entre eles e gerando um círculo de pessoas criado pelo grupo estudantil.

GRÁFICO 4

Importância das relações familiares, de amizade, de vizinhança e da igreja, para jovens chineses e brasileiros, para fazer amigos, por sexo
(Em %)



Fonte: Ipea, SBS, CYCRC e Cyra.

Obs.: Cada respondente pode indicar até três itens, por isso os percentuais não somam 100%

No Brasil, 17,9% das jovens e 12,0% dos jovens fazem amigos na igreja; escolha praticamente inexistente entre os estudantes chineses. Mesmo com percentuais pouco significativos, os jovens brasileiros também conhecem amigos no interior das relações primárias – família, amizade e vizinhança – mais do que os chineses, mas isso se dá principalmente entre os rapazes, que fazem mais amigos em relações não institucionais

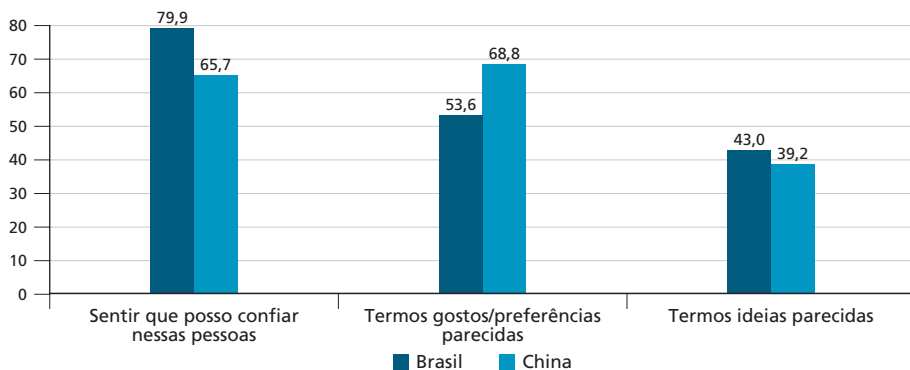
– vizinhança e outros amigos – do que as moças (gráfico 4). Esse dado pode reiterar a importância diferencial da rua e do bairro para rapazes e moças no Brasil, pois, em geral, são tradicionalmente considerados como espaços masculinos. A participação de rapazes brasileiros, percentualmente maior do que a das moças, em grupos esportivos parece confirmar essa tendência, pois, como se sabe, no Brasil, muitos desses grupos são informais e nascem da sociabilidade de rua, como é o caso do futebol de várzea.

Embora no caso brasileiro se discuta, muitas vezes, os limites socializados da instituição escolar, sua inadequação diante das mudanças decorrentes de sua expansão, é preciso reconhecer o quanto este espaço é importante para o desenvolvimento das relações de amizade, entendida esta última não só como sociabilidade, mas também como experiência de igualdade; portanto, reunindo virtudes ético-políticas (Sposito, 2003).

Tanto brasileiros quanto chineses escolhem seus amigos levando principalmente em conta a confiança no outro, as preferências/gostos similares e a semelhança entre as ideias. Mas há diferenças significativas nesses quesitos entre os dois países, pois os jovens brasileiros consideram como mais importante a confiança no outro e os chineses os gostos e as preferências (gráfico 5).

GRÁFICO 5

Aspectos mais importantes na escolha dos amigos para estudantes universitários brasileiros e chineses
(Em %)

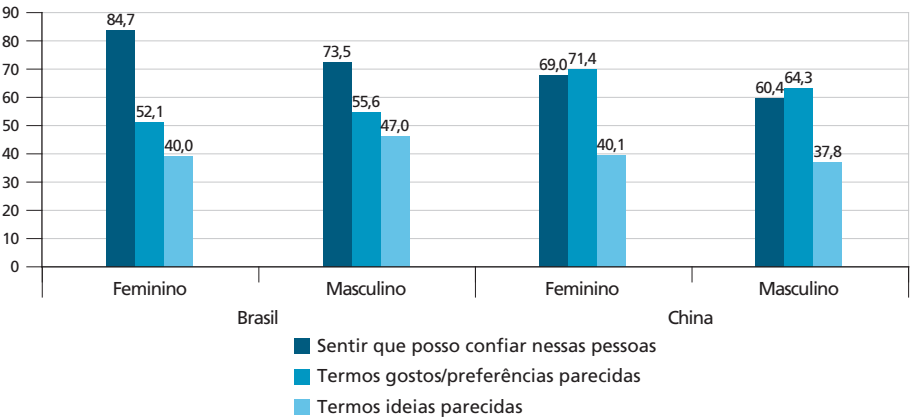


Fonte: Ipea, SBS, CYCRC e Cycra.

Obs.: Cada respondente pode indicar até três itens, por isso os percentuais não somam 100%

Para a mulher brasileira, a questão da confiança é ainda mais importante do que para os homens; o mesmo ocorre com as mulheres chinesas (gráfico 6). Para os dois grupos, também considerada a variável sexo, os aspectos mais importantes na escolha dos amigos são de natureza subjetiva, e não de afinidade ideológica (ideais ou ideias), embora esta alternativa apareça com uma frequência significativa.

GRÁFICO 6
Aspectos importantes na escolha dos amigos, para chineses e brasileiros, por sexo
(Em %)



Fonte: Ipea, SBS, CYCRC e Cycra.
Obs.: Cada respondente pode indicar até três itens, por isso os percentuais não somam 100%

TABELA 5
Atividades que realizam jovens brasileiros e chineses nas horas livre, em casa, por sexo
(Em %)

Atividades nas horas livres	Brasil		China	
	Feminino	Masculino	Feminino	Masculino
Conversar com seus pais ou outros familiares	55,7	38,7	46,5	32,1
Bater papo com irmãos ou amigos	20,7	16,4	14,3	13,6
Assistir à televisão	34,2	31,1	36,2	23,0
Assistir a filmes	34,9	35,4	35,0	29,3
Jogar videogame ou outros jogos eletrônicos	5,4	35,8	7,7	35,5
Jogar cartas, xadrez, dama e outros jogos	2,0	1,8	2,6	7,8
Ler jornais e revistas	4,7	7,9	12,0	11,9
Ler livros (não obrigatórios para seu curso)	30,2	23,6	24,7	28,3
Descansar	39,3	34,5	26,0	20,8
Acessar a internet	60,0	63,9	53,8	41,2

Fonte: Ipea, SBS, CYCRC e Cycra.
Obs.: Cada respondente pode indicar até três itens, por isso os percentuais não somam 100%

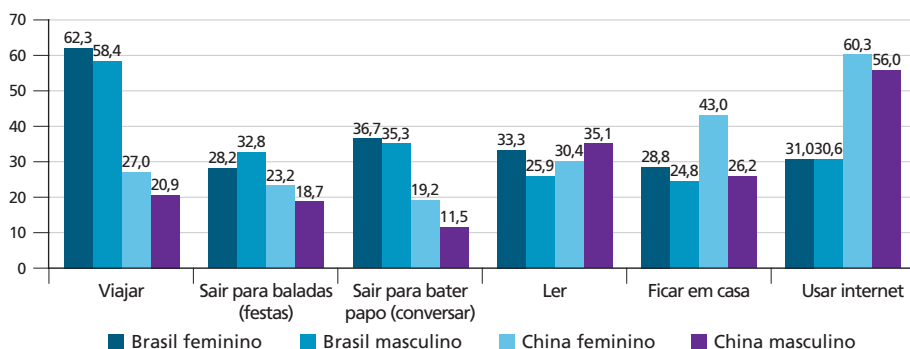
Quanto aos modos de fruição do tempo livre, quando se encontram em casa, observam-se aproximações entre os universos, uma vez que tanto para os estudantes brasileiros quanto para os chineses de ambos os sexos, a internet é a atividade mais citada para o usufruto do tempo livre, mas com maior frequência entre os homens. No Brasil, as mulheres citam a conversa com os pais e o descanso com maior frequência do que os homens, e estes, por sua vez, voltam-se para os

jogos eletrônicos com muito mais assiduidade do que as moças (atividade citada em terceiro lugar, depois da conversa com os pais e familiares). Na China, a conversa com pais e familiares aparece como segunda alternativa para as moças, enquanto para os rapazes são os jogos eletrônicos a atividade citada em segundo lugar, depois da internet (tabela 5).

Outro dado a ser considerado são as principais atividades que realizam os jovens dos dois países nos fins de semana e nas férias (gráfico 7).

GRÁFICO 7

China e Brasil: atividades nos fins de semana e nas férias de jovens universitários, por sexo
(Em %)

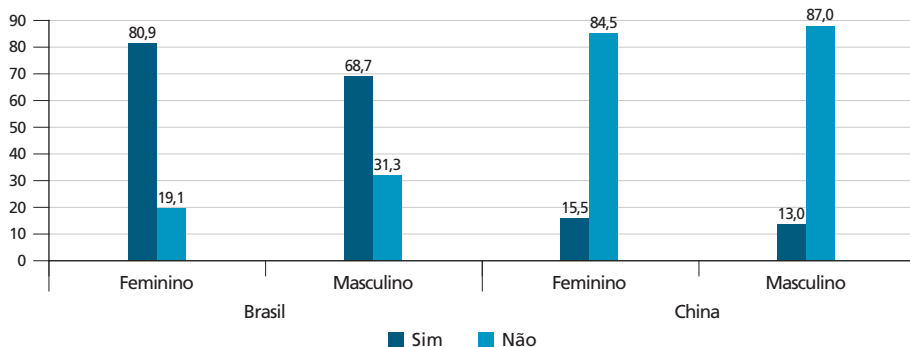


Fonte: Ipea, SBS, CYCRC e Cycra.

Obs.: Cada respondente pode indicar até três itens, por isso os percentuais não somam 100%

GRÁFICO 8

Vínculo religioso dos estudantes universitários chineses e brasileiros, por sexo
(Em %)



Fonte: Ipea, SBS, CYCRC e Cycra.

Os jovens brasileiros tendem a realizar atividades fora de casa, tais como viajar, ir a festas e sair para conversar, enquanto os chineses, especialmente os homens, tendem a ficar em casa para utilizar a internet.

Diferenças importantes residem no campo religioso (gráfico 8) e do associativismo. Os universitários brasileiros, em sua maioria, declararam seguir alguma religião, mas em relação à população total do país, o grupo – homens e mulheres – apresenta índices menores de adesão. No Brasil, os jovens que declararam não ter religião, em 2010, compreendiam 10,2% da faixa etária entre 15-24 anos (IBGE, 2010). Se forem considerados os dados por sexo se verifica que, no Brasil, os jovens são menos religiosos do que as jovens. Os jovens universitários chineses, ao contrário, situam-se majoritariamente no campo não religioso.

Apesar de os católicos constituírem o grupo predominante entre os jovens universitários brasileiros, a presença de outras denominações religiosas atingiu cerca de 40% entre o grupo que declarou seguir alguma religião (tabela 6). No interior do pequeno grupo de universitários chineses que declararam ter alguma religião, o budismo obteve maior presença, seguido das denominações cristãs (tabela 7).⁵

TABELA 6
Religião dos jovens universitários brasileiros, por sexo
(Em %)

Religião	Sexo	
	Feminino	Masculino
Católica romana	55,3	57,6
Protestante ou evangélica não pentecostal	18,0	15,5
Evangélica pentecostal	10,1	8,6
Espírita kardecista ou espiritualista	10,0	9,1
Ortodoxa	0,5	0,4
Candomblé, umbanda ou outra de origem africana	1,8	1,9
Judaica	0,3	0,3
Muçulmana	0,2	0,0
Budista	0,3	0,6
Outra	3,7	6,0

Fonte: Ipea, SBS, CYCRC e Cycra.

5. As porcentagens contidas nas tabelas 6 e 7 dizem respeito apenas ao grupo que declarou seguir alguma religião.

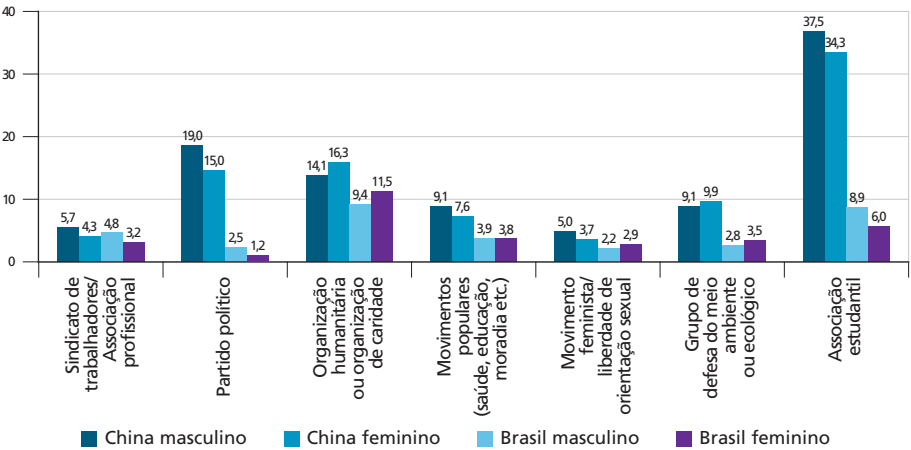
TABELA 7
Religião dos jovens universitários chineses, por sexo
(Em %)

Religião	Sexo	
	Feminino	Masculino
Cristianismo	27,2	32,9
Islamismo	6,2	7,3
Budismo	61,1	50,0
Taoísmo	1,2	6,1
Outra	4,4	3,6

Fonte: Ipea, SBS, CYCRC e Cycra.

Quanto ao associativismo, verifica-se um grau maior de presença entre os universitários chineses (gráfico 9).

GRÁFICO 9
Participação atual em grupos de interesse, movimentos sociais, organizações humanitárias, partidos e sindicatos dos jovens brasileiros e chineses, por sexo
(Em %)



Fonte: Ipea, SBS, CYCRC e Cycra.

Obs.: Cada respondente pode indicar até três itens, por isso os percentuais não somam 100%

Quanto à participação dos estudantes, observa-se grandes diferenças entre os brasileiros e os chineses. Há um maior percentual de participação dos chineses em todos os tipos de entidades, especialmente nas associações estudantis (34,3% das jovens e 37,5% dos rapazes) e no partido político (15,0% e 19,0% de acordo com o sexo, respectivamente).

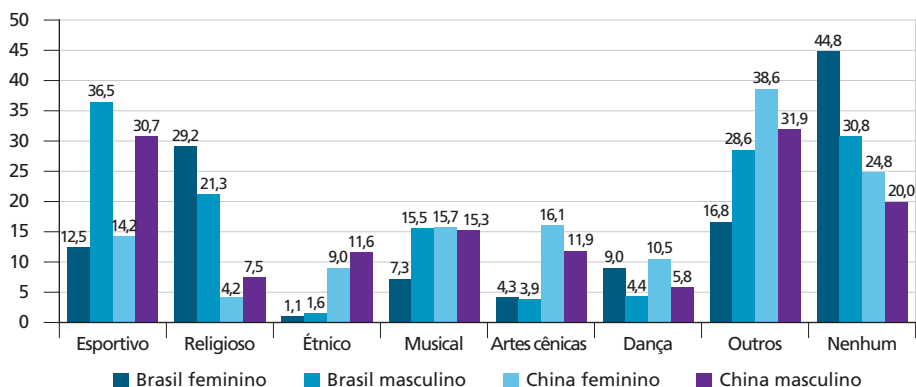
Grande parte dos estudantes universitários chineses nasceu na década de 1990 e, desde pequenos, são expostos a uma forte competição no ambiente escolar. Durante os processos seletivos para o acesso ao ensino médio ou ao ensino superior, atividades como música, dança e esportes, realizadas durante o ensino fundamental, podem adicionar pontos ou prover qualificações especiais para os candidatos às vagas. Consequentemente, as crianças na China, desde pequenas, são criadas pelos pais para aprender piano, violino, dança, esportes etc. Tais aprendizados asseguraram, na ótica das famílias, o desenvolvimento de habilidades que, no futuro, possam ajudar nos processos seletivos escolares. Tais processos seletivos são compostos por exames ou provas, mas atribuem pontos positivos aos que apresentam qualificações especiais.

No entanto, quando se trata de analisar os dados, considerada a variável sexo, as diferenças que aparecem podem ser reveladoras de diferenças e/ou de desigualdades entre homens e mulheres (gráfico 10).

GRÁFICO 10

Participação de estudantes chineses e brasileiros em grupos, dentro ou fora da universidade, por sexo

(Em %)



Fonte: Ipea, SBS, CYCRC e Cycra.

Obs.: Cada respondente pode indicar até três itens, por isso os percentuais não somam 100%

O percentual de jovens brasileiras que não participa de nenhum grupo (44,8%) é muito maior do que o dos rapazes, e ainda maior do que as mulheres e os homens chineses. Sob o ponto de vista dos grupos religiosos no Brasil, as universitárias investigadas estão mais presentes do que os rapazes.

Há significativos percentuais de rapazes universitários brasileiros (36,5%) e chineses (30,7%) que participam de grupos esportivos, enquanto isso não ocorre no caso das universitárias brasileiras e chinesas – respectivamente 12,5% e 14,2%.

Diante do maior grau de religiosidade dos universitários brasileiros, o percentual que participa de grupos religiosos é mais significativo – principalmente as mulheres em relação aos homens – do que na China.

Ao aprofundar a análise sobre a vida associativa dos estudantes brasileiros e chineses, chama atenção os percentuais relativos a “nunca participou” em todos os casos analisados nos dois países, com exceção das associações estudantis para os chineses, lembrando que estas últimas envolvem grupos esportivos, de arte etc. (tabela 8).

TABELA 8

Tipo de participação em grupos de interesse, movimentos sociais, organizações humanitárias, partidos e sindicatos: jovens brasileiros e chineses, por sexo
(Em %)

Tipos	Opções	Brasil		China	
		Feminino	Masculino	Feminino	Masculino
Associação estudantil	Participa atualmente	6,0	8,9	34,3	37,5
	Já participou e não participa mais	23,1	21,8	34,2	30,4
	Nunca participou	70,9	69,3	31,5	32,1
Grupo de defesa do meio ambiente ou ecológico	Participa atualmente	3,5	2,8	9,9	9,1
	Já participou e não participa mais	9,8	8,6	26,5	27,8
	Nunca participou	86,7	88,6	63,7	63,1
Movimento feminista/liberdade de orientação sexual	Participa atualmente	2,9	2,2	3,7	5
	Já participou e não participa mais	3,1	2,6	7,7	8,1
	Nunca participou	94,0	95,2	88,6	86,8
Movimentos populares (saúde, educação, moradia etc.)	Participa atualmente	3,8	3,9	7,6	9,1
	Já participou e não participa mais	13,7	13,3	16,6	20,2
	Nunca participou	82,4	82,8	75,8	70,7
Organização humanitária ou organização de caridade	Participa atualmente	11,5	9,4	16,3	14,1
	Já participou e não participa mais	29,0	22,7	25,0	24,7
	Nunca participou	59,5	67,9	58,7	61,2
Partido político	Participa atualmente	1,2	2,5	15,0	19,0
	Já participou e não participa mais	2,5	3,4	6,9	9,7
	Nunca participou	96,3	94,1	78,2	71,3
Sindicato de trabalhadores/ associação profissional	Participa atualmente	3,2	4,8	4,3	5,7
	Já participou e não participa mais	3,0	3,8	7,9	10,3
	Nunca participou	93,8	91,4	87,9	84,0

Fonte: Ipea, SBS, CYCRC e Cycra.

Quanto a nunca ter participado, entre os brasileiros, os maiores percentuais recaem sobre partido político (96,3% das mulheres e 94,1% dos homens), movimento feminista/liberdade de orientação sexual (cerca de 95,2% dos homens e

94% das mulheres), e sindicato de trabalhadores e associação profissional (em torno de 90,0%). No universo da ausência de participação entre os universitários chineses, aparecem: movimento feminista/liberdade de orientação sexual (mais de 85,0%) e sindicato de trabalhadores e associação profissional (mais de 80,0%).⁶

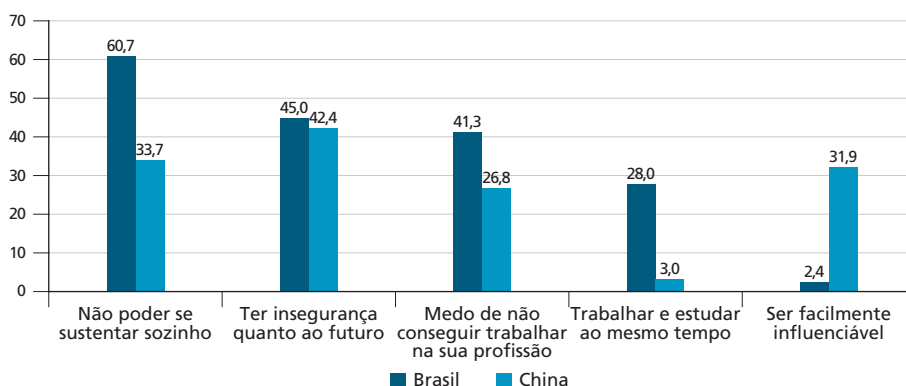
Nas entidades humanitárias e de caridade e nas organizações estudantis, os percentuais daqueles que “já participaram e não participam mais” são significativos, girando em torno de um quarto a um terço dos estudantes nos dois países. Esse mesmo fenômeno aparece entre os chineses, quanto aos grupos de defesa do meio ambiente ou ecológico.

3 PERCEPÇÕES SOBRE A CONDIÇÃO JUVENIL E OS VALORES

A visão sobre o momento do percurso de vida indica algumas variações entre os grupos estudados. Entre as piores coisas derivadas da condição juvenil (gráfico 10) para os jovens chineses, a insegurança quanto ao futuro aparece em primeiro lugar, seguida, como consequência, do medo de não conseguir sua independência. Em terceiro lugar aparece como negativo o fato de se considerar que na condição juvenil pode-se ser facilmente influenciável. Esse tipo de escolha pode ilustrar aspectos singulares da cultura chinesa, que situa a família e o mundo adulto como instâncias importantes nas decisões que dizem respeito ao futuro do jovem.

GRÁFICO 11

As cinco piores coisas em ser jovem para estudantes universitários chineses e brasileiros
(Em %)



Fonte: Ipea, SBS, CYCRC e Cycra.

Obs.: Cada respondente pode indicar até três itens, por isso os percentuais não somam 100%

6. A baixa frequência de participação na vida associativa ligada ao mundo do trabalho entre os universitários chineses é esperada, uma vez que a maioria ainda não participa do mercado de trabalho, vivendo plenamente a condição estudantil.

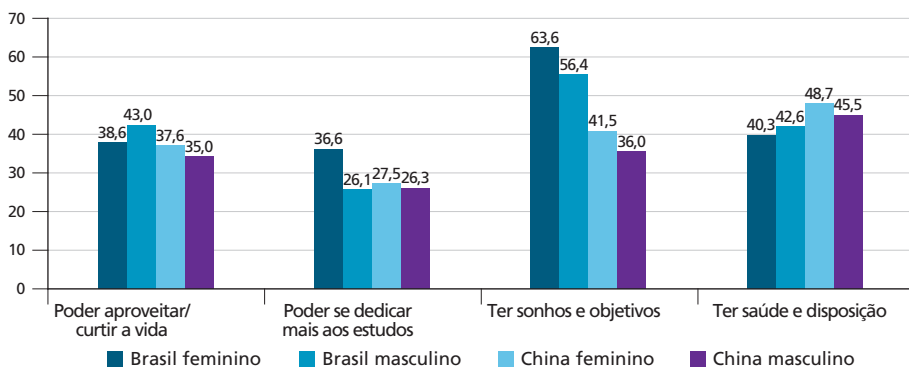
Em comum com seus pares, os jovens brasileiros consideram que a pior coisa é não obter sua independência e manifestam insegurança quanto ao seu futuro. No entanto, para os jovens brasileiros, a influência do mundo adulto não aparece como uma questão, mas a concomitância trabalho e estudo situa uma condição de vida não apreciada de modo positivo, dado que não aparece entre os universitários chineses.

Observa-se que, para as mulheres, tanto brasileiras quanto chinesas, há uma acentuação nas mesmas escolhas: para as brasileiras, o medo de não poder se sustentar sozinha é maior do que para os rapazes; já para as jovens chinesas, é mais apontada a influência pela geração adulta como algo negativo do que para os rapazes.

Esse cenário pode ser ampliado quando são consideradas as respostas sobre a melhor coisa em ser jovem. As quatro opções mais escolhidas para os dois grupos de universitários, com modulações diferentes, foram: “ter saúde e disposição”; “poder aproveitar e curtir a vida”; “poder se dedicar mais aos estudos”; e “ter sonhos e objetivos” (gráfico 12).

GRÁFICO 12

As quatro melhores coisas em ser jovem para os universitários chineses e brasileiros, por sexo
(Em %)



Fonte: Ipea, SBS, CYCRC e Cycra.

Obs.: Cada respondente pode indicar até três itens, por isso os percentuais não somam 100%

Mais uma vez, as escolhas feitas pelos jovens chineses quanto à melhor coisa em ser jovem não indicam grandes polarizações entre as quatro alternativas mais escolhidas. Mas, “ter saúde e disposição” é a que mais se destaca. Os jovens brasileiros, assim como os chineses, destacaram também “ter saúde e disposição”, “poder aproveitar/curtir a vida” e “poder se dedicar mais aos estudos”. Mas, chama atenção a polarização dos brasileiros quanto à alternativa mais escolhida – “ter sonhos e objetivos” –, caracterizando uma dupla inserção: foco no presente e perspectivas de futuro. De modo geral, as mulheres apresentam

respostas semelhantes, acentuando-se a frequência das respostas em torno de suas metas pessoais (os sonhos e objetivos).

Se há aspectos negativos em ser jovem, nos dois países, é de se esperar que as preocupações atuais estejam com eles compatíveis. Os dados da tabela 9 permitem aferir o posicionamento dos jovens dos dois países sobre o que mais os aflige nos dias de hoje.

TABELA 9
O que mais aflige, atualmente, os jovens universitários brasileiros e chineses
(Em %)

O que mais aflige os jovens	Brasil	China
Violência	52,9	10,5
Drogas	40,1	8,6
Desemprego	29,3	23,2
Viver em um mundo desigual	28,2	46,3
Viver em um mundo inseguro	26,3	20,4
Pobreza	15,3	10,1
Corrupção	15,2	14,2
Declínio moral	14,9	34,5
Ser desacreditado	14,9	2,0
Solidão	12,8	21,1
DST/Aids	10,9	5,2
Degradação do meio ambiente	7,3	17,2
Violação dos direitos humanos	5,5	9,0
Nada	0,9	5,7

Fonte: Ipea, SBS, CYCRC e Cycra.

Obs.: Cada respondente pode indicar até três itens, por isso os percentuais não somam 100%

No Brasil, certamente a violência, as drogas e o desemprego alcançam as maiores frequências. Mas é importante assinalar que logo a seguir está presente o sentimento de uma experiência de desigualdade e de insegurança. Caso se considere essas cinco alternativas em conjunto, é possível verificar que três delas estão referidas às dificuldades de se conquistar as posições compatíveis com a vida adulta. Dito de outra forma, a falta de oportunidades de trabalho, a experiência de desigualdade e a insegurança diante do futuro ocupam significativamente o horizonte cotidiano dos jovens universitários brasileiros, além dos recorrentes problemas ligados à violência e às drogas.

Os universitários chineses apresentam uma sensibilidade maior para o tema da desigualdade, possivelmente marcados pelas mudanças observadas em seu país nos últimos anos. Consideram também aflitiva a existência de um declínio moral

na sociedade em que vivem; certamente mais uma expressão das profundas mudanças que afetam a sociedade chinesa nas últimas décadas. Mas o desemprego e a insegurança também estão presentes nos horizontes de suas aflições (Mong, [s.d.]).

No terreno dos valores individuais, uma série de afirmações foi apresentada aos jovens, os quais poderiam discordar ou concordar com elas, em uma escala de 1 a 10.

O tema da igualdade frente ao mundo do trabalho foi respondido de modo diferente pelo conjunto dos investigados. Assim, diante da afirmação “os homens devem ter prioridade no mercado de trabalho por serem chefes de família”, 81,7% das jovens brasileiras posicionaram-se contrárias a ela e, em menor escala, os homens brasileiros (59,8%). Na China, o percentual de mulheres contrárias é também superior ao dos rapazes (tabela 10). Assim, em ambos os países as diferenças de percepção entre os sexos é significativa.

TABELA 10

Posicionamento dos jovens universitários chineses e brasileiros, por sexo, quanto à afirmação “os homens devem ter prioridade no mercado de trabalho por serem chefes de família”
(Em %)

Escala	Brasil		China	
	Feminino	Masculino	Feminino	Masculino
1 (contrário)	81,7	59,8	49,1	25,4
2	5,5	5,2	7,5	7,7
3	4,2	6,8	8,2	7,2
4	1,9	3,3	5,4	5,5
5	3,6	12,4	12,6	16,4
6	0,9	4,4	5,1	10,2
7	1,0	3,4	3,4	8,6
8	0,6	1,9	3,1	4,9
9	0,1	0,3	1,0	2,5
10 (favorável)	0,1	1,8	3,8	10,6

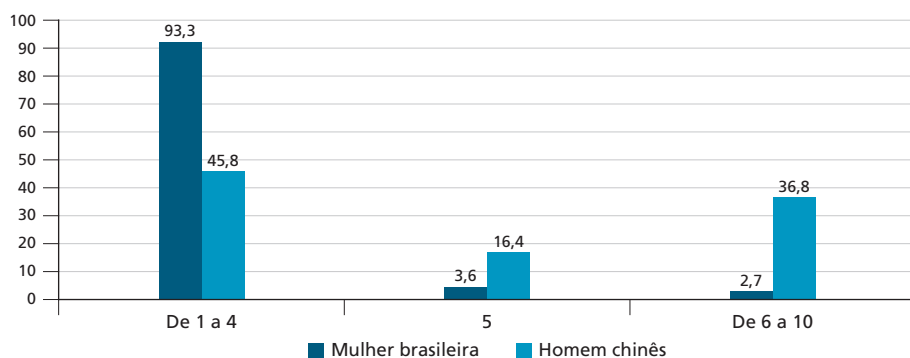
Fonte: Ipea, SBS, CYCRC e Cycra.

Entre ser contrário e favorável a essa afirmação, na escala de 1 a 10, podem ser percebidas modulações. Nesse sentido, quando os dados são agregados, pode-se dizer que quase a metade dos rapazes chineses (45,8%) são contrários/mais ou menos contrários (escala de 1 a 4), e um percentual, nada desprezível, de 36,8% são favoráveis a que homens tenham prioridade no mercado de trabalho por serem chefes de família (gráfico 13). Os universos simbólicos provavelmente ofereçam conotações diversas à expressão “chefe de família”, uma vez que o estatuto masculino

e suas responsabilidades de provimento do grupo familiar são significativamente diferentes na China diante da situação brasileira atual, que admite modulações nas responsabilidades masculinas tradicionais (Mong, [s.d.]).

GRÁFICO 13

Posicionamento das jovens universitárias brasileiras e dos jovens universitários chineses quanto à afirmação “os homens devem ter prioridade no mercado de trabalho por serem chefes de família”
(Em %)

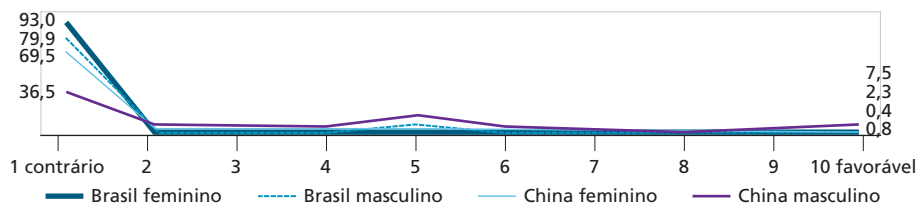


Fonte: Ipea, SBS, CYCRC e Cycra.

Tendências similares foram verificadas, com ligeiras variações, quando se demandou aos jovens que se posicionassem se eram contrários ou favoráveis à afirmação “a educação universitária é mais importante para o homem do que para a mulher” (gráfico 14).

GRÁFICO 14

Posicionamento dos jovens universitários chineses e brasileiros, por sexo, quanto à afirmação “a educação universitária é mais importante para o homem do que para a mulher”
(Em %)



Fonte: Ipea, SBS, CYCRC e Cycra.

Tentando alargar uma compreensão mais ampla dos valores, entre as questões feitas aos jovens universitários chineses e brasileiros, uma delas dizia respeito ao modo como viam a si mesmos e aos outros jovens – a juventude – sob o

ponto de vista dos valores. Nesse caso, a juventude é o “outro”, o seu coetâneo, não individual, mas coletivo.

Quanto aos seus valores individuais, chineses e brasileiros apresentam singularidades que merecem análises mais aprofundadas (tabela 11).

TABELA 11

Valores pessoais dos jovens universitários brasileiros e chineses, por sexo
(Em %)

Valores pessoais	Brasil		China	
	Feminino	Masculino	Feminino	Masculino
Solidariedade	35,9	36,2	22,9	24,7
Responsabilidade em relação ao bem comum	14,8	14,1	2,7	3,0
Ética e honestidade	49,1	53,3	39,9	29,1
Liberdade	9,6	17,2	36,4	41,6
Respeito à diversidade sexual	15,1	12,8	6,0	6,6
Igualdade	18,6	16,7	37,6	33,6
Respeito à diversidade étnica/racial	27,4	24,3	10,0	10,8
Justiça	22,2	27,5	30,6	31,1
Respeito aos mais velhos	17,6	15,0	14,2	13,3
Valorização da família	53,7	37,8	34,5	22,1
Valorização das tradições	4,2	5,9	5,3	6,1
Competitividade	6,9	18,0	9,3	14,2
Respeito ao meio ambiente	12,6	8,3	13,0	11,6

Fonte: Ipea, SBS, CYCRC e Cycra.

Obs.: Cada respondente pode indicar até três itens, por isso os percentuais não somam 100%

Os jovens universitários brasileiros – homens e mulheres – citam com maior frequência três valores comuns: ética/honestidade, solidariedade e família. Mas no interior desses valores destaca-se a diferença atribuída à família pelas jovens universitárias, que a consideram muito mais importante do que os rapazes brasileiros.

Os universitários e as universitárias chineses apresentam alguma similitude quanto aos três valores mais apontados: os rapazes apontam liberdade, igualdade e justiça; as jovens chinesas apontam igualdade, liberdade e família. Percebe-se que as jovens chinesas apontam a igualdade em primeiro lugar, e os rapazes a liberdade.

Chama atenção, nos dois países, a baixa frequência de valorização das tradições nos universos investigados, evidenciando, mais uma vez, processos muito rápidos de mudança social que afetam, sobretudo, as gerações jovens. Mas no universo cultural dos estudantes chineses o reconhecimento de que ocorre um declínio moral, como já foi observado, introduz diferenças em relação aos seus pares brasileiros.

Os jovens chineses enfatizam, mais do que os brasileiros, “a liberdade, a igualdade e a justiça”, valores genéricos relacionados a demandas clássicas de estruturação dos estados democráticos, apresentando maior sensibilidade às questões da desigualdade e da liberdade do que os brasileiros.

Considerada a variável sexo, os jovens chineses e brasileiros valorizam ligeiramente mais a “liberdade” e a “competitividade” do que as mulheres.

A valorização que parte dos jovens brasileiros, mais do que os chineses, manifesta com relação aos temas do “respeito à diversidade racial”, parece evidenciar como se concretizam os princípios gerais de “justiça” e de “igualdade” na sociedade brasileira, uma vez que esta questão não se coloca do mesmo modo na China. No Brasil, o tema da diversidade racial está ancorado na história do país, pois os negros foram, e são, discriminados desde a época colonial até os dias de hoje. A presença do movimento negro na cena pública em defesa de políticas reparadoras como forma de combater as desigualdades históricas vividas por eles e a busca da igualdade marcam o posicionamento dos jovens brasileiros por uma democracia racial.

A escolha de outra temática, “respeito à diversidade sexual”, da parte de alguns jovens brasileiros mais do que dos chineses é, também, a expressão de como a sociedade brasileira posiciona-se por meio das mobilizações que grupos específicos vêm travando nos últimos dez anos com relação à “liberdade” de opção sexual, a saber, grupo de lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e transgêneros (LGBT). Essa escolha parece revelar jovens brasileiros que associam o valor igualdade à liberdade (liberdade do sujeito na igualdade cidadã), traduzido na noção de Balibar (2010) pela palavra “igual liberdade”. Tanto as sensibilidades reveladas para as questões raciais no Brasil quanto aquelas relativas às orientações sexuais evidenciam, também, a busca de reconhecimento e de afirmação de identidades plurais (Fraser, 2006; Honneth, 2003). Mas é preciso apontar que o debate público no Brasil não tem eliminado totalmente a presença de condutas de violência contra mulheres, práticas racistas e homofóbicas, revelando-se tanto na violência policial quanto entre grupos da sociedade civil ou nas relações afetivas, sobretudo nos grandes centros urbanos. Reitera-se, também, que, sob o ponto de vista da sociedade chinesa e de suas conjunturas, outras questões podem estar ocupando o debate público e as sensibilidades juvenis na conjuntura em que foi feita a investigação.

Tal como analisa Dubet (2001), mais do que a demanda por valores que expressam formas de integração marcadas pelas ideias de “igualdade dos indivíduos a despeito e para além das desigualdades sociais reais”, os jovens brasileiros tendem a defender valores tendo por base as ações dos atores coletivos na esfera pública, como é o caso dos movimentos em torno da diversidade sexual e da superação do preconceito racial.

A tabela 12 permite verificar que os jovens brasileiros olham para o “outro”, a juventude, de forma invertida das imagens que apresentam sobre si mesmos. Eles consideram que os valores mais importantes da juventude (os outros jovens) são a “competitividade” e a “liberdade”. Poder-se-ia dizer que os jovens investigados possuem uma visão generosa sobre si mesmos e são mais críticos quando se trata do “outro”, do coletivo mais abstrato, “a juventude”, como se houvesse uma clara fronteira entre esses universos. Aparentemente, o “outro”, um anônimo, é alguém que se situa em um campo oposto ao seu (Araujo e Martuccelli, 2012): de um lado, jovens solidários, éticos e honestos e, de outro, a juventude competitiva. Entretanto, como afirma Martuccelli ([s.d.]), é necessário olhar para os resultados obtidos a partir da ideia de que um mesmo indivíduo experimenta situações plurais às quais pode responder de modo contraditório, como pôde-se observar neste item. A adesão aos valores não deixa de considerar as contingências. Os valores dos jovens universitários brasileiros podem ser, ao mesmo tempo, a solidariedade, a ética e a honestidade e a competitividade, de acordo com as situações com as quais se deparam. De qualquer modo, destaca-se essa dissociação entre a avaliação que individualmente fazem de si mesmos, como jovens, e o universo coletivo – a juventude brasileira –, exprimindo poucas modalidades de pertencimento a um grupo, nesse caso, os seus pares jovens.

TABELA 12

Valores da juventude segundo o ponto de vista dos jovens universitários chineses e brasileiros, por sexo
(Em %)

Valores da juventude	Brasil		China	
	Feminino	Masculino	Feminino	Masculino
Solidariedade	9,9	8,9	21,8	16,7
Competitividade	60,6	64,1	24,0	33,6
Respeito à diversidade étnica/racial	17,0	17,7	10,6	9,1
Respeito à diversidade sexual	31,8	26,0	6,9	6,4
Respeito aos mais velhos	2,4	5,0	12,1	10,3
Respeito ao meio ambiente	13,1	13,9	10,4	8,8
Ética e honestidade	3,9	3,7	33,0	21,4
Liberdade	61,2	57,4	41,1	45,9
Igualdade	14,0	14,2	39,0	34,9
Justiça	17,6	16,0	31,5	29,6
Responsabilidade em relação ao bem comum	7,1	7,8	2,4	2,2
Valorização da família	6,9	8,0	17,2	10,2
Valorização das tradições	2,0	5,0	4,0	3,3

Fonte: Ipea, SBS, CYCRC e Cycra.

Obs.: Cada respondente pode indicar até três itens, por isso os percentuais não somam 100%

Esse conjunto de valores, apontado tanto pelos indivíduos quanto para o grupo – a juventude – deve encontrar alguma ressonância no campo das instituições, uma vez que elas podem se constituir em apoios para a realização desses valores ou, paradoxalmente, entraves.

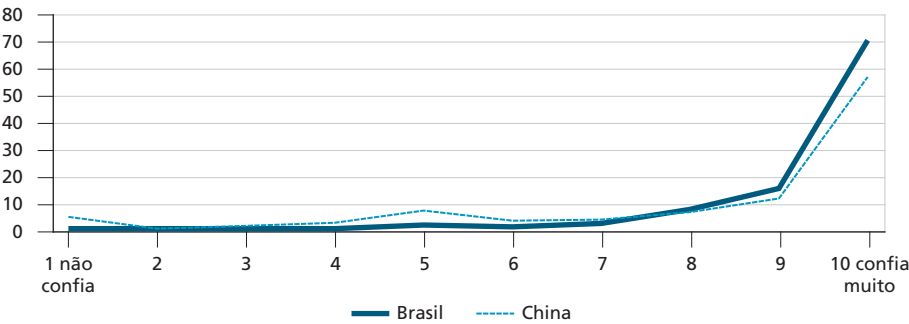
Os dados coletados sobre o grau de confiança nas instituições apresentam algumas semelhanças, mas também singularidades entre os universitários (tabelas 13, 14, 15 e 16 e gráficos 15, 16, 17 e 18). Nos dois países, a família aparece como a instituição muito confiável e a apreciação que realizam sobre a escola não apresenta grandes diferenças, sendo um pouco mais positiva entre os brasileiros. As diferenças são mais visíveis na avaliação que fazem do parlamento e do governo. Os jovens brasileiros são mais céticos em relação a essas instituições do que seus pares chineses. Uma questão a ser aprofundada em estudos posteriores diz respeito ao modo como jovens brasileiros visualizam o campo das instituições que constituem os pilares da democracia representativa e, sobretudo, que representações constroem em torno da ideia de democracia.

TABELA 13
Grau de confiança na família: universitários brasileiros e chineses
(Em %)

Escala	1 (não confia)	2	3	4	5	6	7	8	9	10 (confia muito)
Brasil	0,5	0,1	0,5	0,6	1,9	1,3	2,5	7,7	15,5	69,3
China	4,5	0,5	1,5	3,0	7,1	3,7	4,1	6,5	11,8	57,2

Fonte: Ipea, SBS, CYCRC e Cycra.

GRÁFICO 15
Grau de confiança na família: universitários brasileiros e chineses
(Em %)



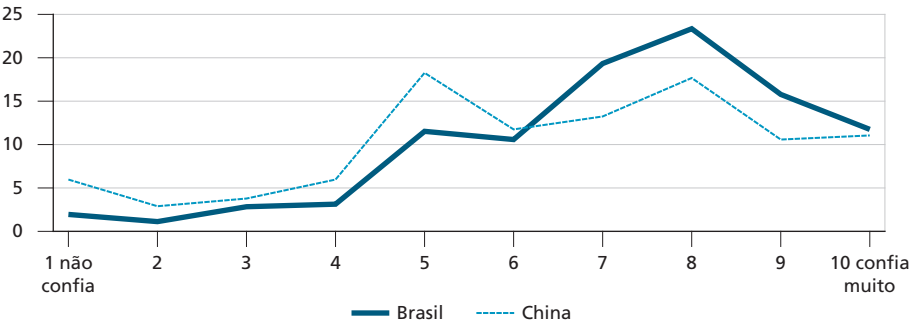
Fonte: Ipea, SBS, CYCRC e Cycra.

TABELA 14
Grau de confiança na escola: universitários brasileiros e chineses
(Em %)

Escala	1 (não confia)	2	3	4	5	6	7	8	9	10 (confia muito)
Brasil	2,0	1,2	2,8	3,1	11,3	10,4	18,8	22,9	15,7	11,7
China	5,9	2,8	3,8	5,9	17,9	11,6	13,1	17,3	10,7	10,9

Fonte: Ipea, SBS, CYCRC e Cycra.

GRÁFICO 16
Grau de confiança na escola: universitários brasileiros e chineses (2012)
(Em %)



Fonte: Ipea, SBS, CYCRC e Cycra.

TABELA 15
Grau de confiança no parlamento: universitários brasileiros e chineses
(Em %)

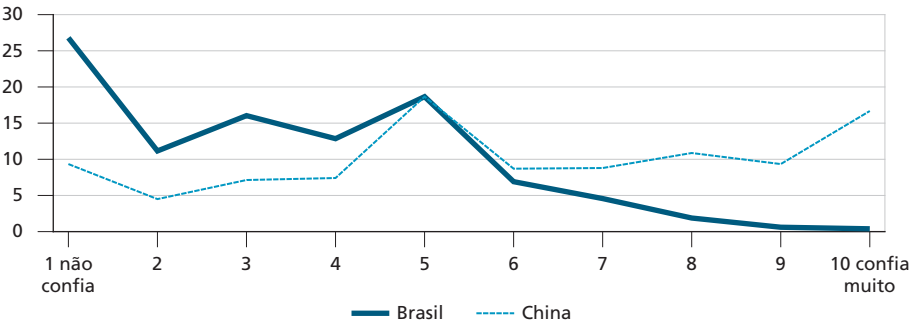
Escala	1 (não confia)	2	3	4	5	6	7	8	9	10 (confia muito)
Brasil	27,1	11,1	16,1	12,9	18,8	7,1	4,4	1,9	0,4	0,2
China	9,2	4,3	6,9	7,2	18,4	8,7	8,7	10,6	9,4	16,5

Fonte: Ipea, SBS, CYCRC e Cycra.

Na China o sistema de valores divide-se em valores orientados para si mesmo e valores orientados para a sociedade, que inclui aqueles voltados aos familiares, aos conhecidos, às autoridades e a outras pessoas. Quando um chinês expressa seus valores, frequentemente usa a palavra “nós” querendo dizer “eu”, sendo este um meio de se orientar diante do coletivo. De modo simples, a orientação de valores pode ser classificada como as que afetam diretamente o modo de trabalhar e as ações das pessoas, e as que guiam as ações das pessoas e suas decisões estratégicas. A orientação dos valores influencia um elemento importante nas relações interpessoais dos universitários; ela tem relação direta com a vida do estudante, se esta é alegre e harmoniosa. Do ponto de vista do significado/importância,

os atuais universitários chineses representam as tendências no desenvolvimento e na mudança do sistema de valores.

GRÁFICO 17
Grau de confiança no parlamento: universitários brasileiros e chineses (2012)
(Em %)



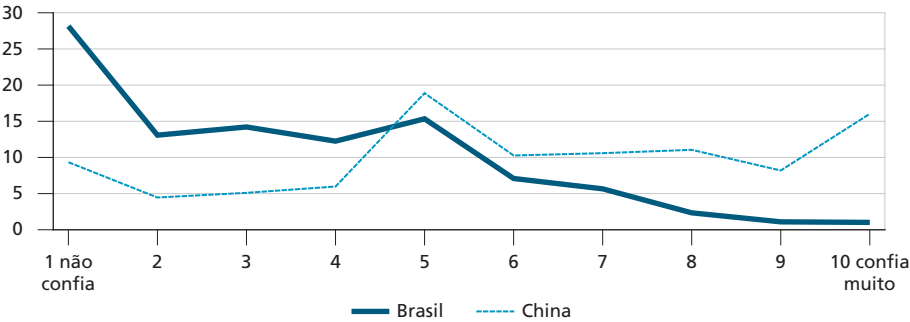
Fonte: Ipea, SBS, CYCRC e Cycra.

TABELA 16
Grau de confiança no governo: universitários brasileiros e chineses
(Em %)

Escala	1 (não confia)	2	3	4	5	6	7	8	9	10 (confia muito)
Brasil	28,4	13,1	14,2	12,3	15,4	7,1	5,6	2,3	1,0	0,8
China	9,3	4,4	5,1	5,9	19,1	10,4	10,6	11,1	8,2	15,9

Fonte: Ipea, SBS, CYCRC e Cycra.

GRÁFICO 18
Grau de confiança no governo: universitários brasileiros e chineses (2012)
(Em %)



Fonte: Ipea, SBS, CYCRC e Cycra.

Ao analisar os valores dos estudantes universitários, não é possível separar suas identidades do contexto histórico atual. Os universitários nascidos nos anos 1990 possuem valores claramente diferentes daqueles nascidos na década de 1980 ou 1970. Possuem um forte senso de independência, mas ainda dependem muito da família para viver, inclusive financeiramente. Ao mesmo tempo, esta geração é formada por filhos únicos, como já foi observado. Como consequência, às vezes falta compreensão nas relações interpessoais, constituindo-se um grupo que pode ser, algumas vezes, rebelde, obstinado e teimoso. Alguns estudos indicam que são, por essas razões, psicologicamente mais fracos para resistir a pressões/estresse. Seus pais criaram um ambiente de vida melhor e, desde pequenos, receberam tratamento de um “pequeno imperador”, como uma flor dentro de uma estufa. Caso se deparem com alguma frustração, suas mentes entram em colapso. Mas como é uma geração que cresceu na companhia da internet, estão acostumados a receber/aceitar coisas novas e, com isso, seus pensamentos são mais ativos/vigorosos e suas criatividade e suas acentuadas. Eles gostam de aprender coisas novas pela internet e receber novas informações. Apresentam, também, uma forte autoconsciência e pouco interesse em assuntos políticos, temas sociais ou que envolvam outras pessoas; se preocupam com a própria vida e o próprio futuro. Portanto, comparando os dados das pesquisas nos dois países, vê-se que a proporção de jovens chineses que se preocupam com política, maior do que no Brasil, ainda não é alta; existem mais jovens que se preocupam com as questões ligadas ao desenvolvimento pessoal.⁷

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nessas duas sociedades, possivelmente os percursos individuais e as experiências de vida universitária apresentam singularidades, marcadas por diferentes tradições culturais. Chama atenção, por exemplo, as significativas diferenças na apreciação das instituições, nos níveis de associativismo e na dimensão da religiosidade. Embora todos valorizem a instituição familiar, os sentidos dessa valorização são diferentes. Estudantes universitários brasileiros também vivem a experiência do trabalho, o que certamente qualifica suas possibilidades de usufruto da condição e da vida estudantis. É na família que os jovens se apoiam nos dois países e, não sem razão, esta instituição aparece com muita importância em situações diversas da pesquisa: os jovens brasileiros moram majoritariamente com a família; esta instituição influencia a escolha do curso, principalmente para os jovens chineses; também para os chineses, contar com o apoio da família representa uma das melhores coisas em ser jovem, mas, ao mesmo tempo, o controle do grupo familiar significa experimentar certos constrangimentos que dificultam escolhas segundo seus interesses.

7. Essas considerações foram apontadas por Chen Chen, pesquisadora do CYCRC, tendo em vista o acúmulo de conhecimento gerado por outras pesquisas realizadas sobre juventude na China.

No universo investigado, as jovens brasileiras e chinesas são mais sensíveis às desigualdades de gênero, indicando a importância das recentes transformações observadas no acesso ao sistema escolar, assegurando maior participação das mulheres.

As transversalidades, no entanto, são significativas no modo como todo o grupo investigado projeta seu futuro, temendo não conquistar a independência e a autonomia típicas da vida adulta (Singly, 2004). É de se supor que a intensidade das mudanças observadas nos últimos anos, em ambos os países, ofereça um leque novo de possibilidades, mas, também, um conjunto de desafios, tendo em vista que, tanto na China quanto no Brasil, as desigualdades sociais, persistentes na aceção de Tilly (1998), continuam a marcar muitas das trajetórias juvenis.

REFERÊNCIAS

- ARAUJO, K.; MARTUCELLI, D. **Desafios comunes**: retratos de la sociedad chilena y sus individuos. Santiago: LOM Ediciones, 2012.
- BALIBAR, E. **La proposition de l'égaliberté**. Paris : PUF, 2010.
- DUBET, F. As desigualdades multiplicadas. **Revista Brasileira de Educação**, n. 17, p. 5-19, maio-jun.-jul.-ago. 2001.
- FRASER, N. Da redistribuição ao reconhecimento? Dilemas da justiça numa era "pós-socialista". **Cadernos de campo**, São Paulo, n. 14/15, p. 1-382, 2006. Disponível em: <<http://goo.gl/U5l9If>>.
- HONNETH, A. **Luta por reconhecimento**: a gramática moral dos conflitos sociais. Tradução de Luiz Repa. São Paulo: Editora 34, 2003.
- IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo demográfico 2010**. Rio de Janeiro: IBGE, 2010.
- IPEA – INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. **Estudo comparado sobre a juventude brasileira e chinesa**: dados preliminares do Brasil. Brasília: Ipea, 2012. Disponível em: <<http://goo.gl/wxsKol>>.
- MARTUCELLI, D. **Leciones de sociologia del individuo**. [s.l.]: [s.d.]. Disponível em: <<http://goo.gl/u8eGpJ>>.
- MONG, L. China youth study and social change and development. In: DWYER, T. *et al.* (Eds). **Handbook of the Sociology of youth in the BRICS countries**. Singapore: World Scientific. No prelo.
- SIMMEL, G. A sociabilidade: exemplo de sociologia pura ou formal. In: SIMMEL, G. (Org.). **Questões fundamentais da sociologia**: indivíduo e sociedade. Tradução de Pedro Caldas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

SINGLY, F. La spécificité de la jeunesse dans les sociétés individualistes. *In*: DUBET, F.; GALLAND, O.; DESCHAVANNE, É. (Eds.). Comprendre les jeunes. **Revue de Philosophie et de Sciences Sociales**, Paris, n. 5, p. 259-273, 2004.

SPOSITO, M. P. Uma perspectiva não escolar no estudo sociológico da escola. **Revista USP**, São Paulo, n. 57, p. 210-226, mar.-maio 2003.

TILLY, C. **Durable inequality**. California: University of California Press, 1998.